

**GÊNERO E AFETIVIDADES NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
PROBLEMATIZANDO AS DICOTOMIAS PRESENTES NAS EMOÇÕES E
SENTIMENTOS DE MENINAS E MENINOS**

*Eixo Temático 09 - Corpos, Gênero e Infâncias: Memórias, Lutas e Resistências na
Educação Infantil*

Noeli Aparecida Fernandes ¹

Daniela Finco ²

RESUMO

Este trabalho aborda a questão das afetividades presentes nas relações de gênero de meninas e meninos na Educação Infantil. Tem como base os resultados de pesquisa realizada em uma EMEI em São Paulo, por meio de dinâmica lúdica com crianças que buscou compreender o processo de construção das identidades de gênero na infância a partir do diálogo sobre suas emoções e sentimentos. Tem como referencial teórico os Estudos de Gênero e da Sociologia da Infância. Busca problematizar a desconstrução de padrões normalizadores sociais que tentam engessar as formas de expressões e sentimentos das crianças. Os resultados trazem subsídios para repensar as práticas educativas alertando para a construção de uma Pedagogia das Afetividades.

Palavras-chave: Educação Infantil; Relações de Gênero; Afetividades.

INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda a questão das afetividades presentes nas relações de gênero de meninas e meninos na Educação Infantil. Busca compreender o processo de construção das identidades de gênero na infância, com vistas aos significados construídos a partir dos sentimentos e emoções de meninas e meninos, questionando os

¹ Mestra em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação - PPGE da Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP, noeli.fernandes@unifesp.br

² Professora Associada do Departamento de Educação da Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP dfinco@unifesp.br

estereótipos marcados pela dicotomia feminino-masculino. Além disso, procura problematizar as desigualdades e violências que estão no bojo das relações de gênero, presentes no processo educativo das crianças, diante de padrões socioculturais adultocêntricos e heteronormativos.

Tem por base uma pesquisa de mestrado (FERNANDES, 2021) realizada em uma Escola Municipal de Educação Infantil - EMEI da cidade de São Paulo. Uma pesquisa qualitativa que teve como um dos instrumentos metodológicos o desenvolvimento de dinâmica lúdica com crianças. E como aportes teóricos os Estudos da Sociologia da Infância (SOARES, 2005; TREVISAN, 2006 e 2007; FARIA e FINCO, 2020) e Estudos de Gênero (CIPOLLONE, 2003; FINCO, 2010), que apontam para a importância da participação infantil nas pesquisas com crianças.

Desse modo, este trabalho dá ênfase ao direito das crianças de participarem e se manifestarem livremente, se expressarem, a fim de rompermos com estereótipos sobre seus gostos, preferências e modos de ser; e, ao direito de serem ouvidas sobre assuntos que digam respeito às suas vidas (SOARES, 2005). Na tentativa de dar ênfase às “vozes” das crianças é preciso buscar compreendê-las, interessando-se pelo que pensam, e assim, compreender a complexidade dos mundos das crianças e as (re)apropriações que fazem do mundo que as rodeia (TREVISAN, 2007).

A partir da problematização daquilo que meninas e meninos tem a nos dizer sobre suas emoções, seus sentimentos e anseios, buscamos abordar como as crianças, com suas ideias e experiências, podem desconstruir discursos que naturalizam e estereotipam o feminino e o masculino, impostos pelo poder dominante, presentes em seus processos educativos, a fim de romper com posturas machistas e hierarquizantes, introduzindo novas formas de pensamento sobre as relações de gênero.

Considerando que gênero é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, abordar gênero, como uma categoria de análise, permite aprofundar as reflexões sobre como as relações de poder e dominação vão sendo estabelecidas e naturalizadas de modo desigual entre homem e mulher (SCOTT, 1995). Interpretações do corpo sexuado como binário e em oposição, em que as diferenças percebidas, constroem socialmente modos diferenciados de ser/tornar-se homem ou mulher, contribuíram para a naturalização e essencialização de expectativas, comportamentos e emoções de meninas e meninos, bem como para

fomentar debates acerca das relações sexo e gênero, alimentando a dicotomia natureza/cultura (FERREIRA e TOMAS, 2022).

Ultrapassar a desigualdade de gênero pressupõe compreender como esta é produzida e reforçada por explicações das ciências biológicas que tomam as características físicas como naturais, quando, por exemplo, atribuem à menina a docilidade e a fragilidade, e ao menino, a força e a agressividade, problematizando-se tais dicotomias; o que representa um exercício de resistência, a favor de uma educação não sexista e emancipatória.

Diante de práticas sexistas, as crianças buscam brechas para transgredir, para inventar e criar novas possibilidades de ser e estar no mundo; problematizam suas vidas, criam novas formas de relações; meninas e meninos buscam estratégias diferenciadas para lidar com forças opressoras de nossa sociedade e procuram escapar das imposições dos adultos, manifestando-se de diferentes formas, em diferentes espaços, a partir de diferentes sentimentos, emoções e linguagens. As crianças, meninas e meninos, na Educação Infantil, a partir do encontro com o outro, vão constituindo suas identidades e podem, a partir de uma proposta pedagógica mais democrática, vivenciarem e explorarem outras formas de ser menina/ mulher e de ser menino/ homem, na discussão de seus anseios, gostos, sentimentos e emoções.

METODOLOGIA

A pesquisa qualitativa, realizada em uma EMEI – Escola Municipal de Educação Infantil, de São Paulo, que atende crianças de quatro e cinco anos de idade, teve como um de seus instrumentos metodológicos o desenvolvimento de dinâmica lúdica com crianças, procurando escutar suas vozes e suas ideias com relação aos seus sentimentos e emoções.

Tem como documento balizador da pesquisa os *Indicadores de Qualidade da Educação Infantil Paulista* (SÃO PAULO, 2016), e sua Dimensão 5 *Relações étnico-raciais e de gênero*, para a introdução das questões de gênero na avaliação participativa, e que serviu de suporte para nortear a conversa com as crianças. As proposições do documento que tratam das questões de gênero nortearam a conversa com as crianças: “É garantido a todos os bebês e crianças expressarem seus sentimentos, emoções, atitudes, preferências, sem restrições por serem meninos ou

meninas?"; "Os educadores e educadoras oportunizam aos meninos vivências em que estes se fantasiem, assumam papéis de cuidar do outro, limpar e organizar o espaço coletivo em contraposição à ideia machista?" (SÃO PAULO, 2016, p.47-48).

A dinâmica desenvolveu-se a partir de conversas envolvendo 12 crianças de 04 e 05 anos de idade, organizadas em pequenos grupos de 06 crianças, e contou com o apoio da leitura da história infantil "Meninos de Verdade", (OLTEN, 2013) que trata da problemática dos estereótipos de gênero e da oposição e hierarquização dos sentimentos e atitudes, entre meninas e meninos. Provocadas por questionamentos, ilustrações e por suas próprias observações, as crianças manifestaram suas opiniões e seus pensamentos sobre atitudes de gênero, propostas pela história, relacionando-as às suas vidas, na abordagem de sentimentos como medo, coragem e tristeza.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As crianças, ao trazerem suas percepções, mostram que sentem prazer em falar sobre seus desejos, sobre o que querem e do que gostam, indicando o que é melhor para si. O desafio está em nós adultos/as, aprendermos a ouvi-las, com atenção e sensibilidade, a fim de possibilitar-lhes um espaço para compartilhar suas vivências e opiniões, desejos e sonhos, tristezas e felicidades (FERNANDES E FINCO, 2022), permitindo que independente do sexo, se manifestem de forma confiante sobre o que sentem, a fim de que possam ser elas/eles mesmas/os, se inventando e reinventando nos seus modos de serem meninas e meninos.

Diante de práticas sexistas, as crianças buscam brechas para transgredir, para inventar e criar novas possibilidades de ser e estar no mundo; problematizam suas vidas, criam novas formas de relações; meninas e meninos buscam estratégias diferenciadas para lidar com forças opressoras de nossa sociedade e procuram escapar das imposições dos adultos, manifestando-se de diferentes formas, em diferentes espaços, a partir de diferentes sentimentos, emoções e linguagens (FINCO, 2010).

Ao manifestarem-se com relação à história "Meninos de Verdade" e com relação às proposições que lhes foram apresentadas meninas e meninos, relataram suas próprias histórias, expressando alternativas inteligentes para solucionar problemas, comparando suas opiniões, aproximando-se do que cada uma pensava e havia vivenciado, para além dos estereótipos impressos no livro.

O processo de escuta favoreceu que as crianças pudessem se expressar livremente sobre seus sentimentos e emoções, afinal, quanto mais as crianças vivem e falam de suas emoções e sentimentos, de forma livre, melhor os reconhecem e constroem vocabulário emocional (TREVISAN, 2006): *“Eu acho que é isso, as meninas são medrosas mesmo, choram e os meninos não.”* (Pietro, 05 anos); *“Eu não concordo, as meninas não são assim, elas não são medrosas.”* (Luisa, 05 anos); *“Eu acho que sou um pouco corajosa.”* (Maisa, 05 anos); *“Eles estão zoando as meninas. Eu também durmo com um coelho.”* (Fernando, 05 anos); *“Eu fico feliz de brincar de pega-pega, de esconde-esconde. Fiquei triste quando meu vovô morreu, ele era lá da Bahia, morava lá.”* (Nivia, 05 anos). Ao expor seus sentimentos e emoções, falar sobre eles, meninos e meninas se fortalecem na constituição de suas identidades de gênero, para além dos estereótipos, a partir de outras formas de ser e agir.

Com seus olhares apurados, meninas e meninos, se manifestam sobre questões sensíveis, compartilhando, como os sentimentos de medo, choro, tristeza e alegria, são expressões do sentimento humano que independem do gênero, questionando os discursos estereotipados *“Meninas dormem com bichinhos, mas eles também dormem.”* (Ilana, 05 anos); *“Eles estão com medo, eu conheço muito bem essa cara de medo. Menina tem medo, até menino tem medo.”* (Leandro, 05 anos); *“Quando eu fico feliz é porque estou brincando, e quando eu fico triste é porque eu estou sem amigos.”* (Enio, 05 anos); *“Quando eu tenho vontade de fazer xixi, eu vou lá no banheiro, porque não tem nada para assustar a gente; os orixás estão protegendo a gente”* (Marta, 04 anos); *“A gente também chora de tanta emoção. Eu fico feliz quando minha mãe volta de viagem.”* (Leandro, 05 anos).

A falta de atenção em relação aos sentimentos tende a desvalorizar aspectos da intimidade, da amizade e do amor, vinculados ao feminino, e a valorizar aspectos racionais identificados com o masculino, tais como a competição e a produção segundo Laura Cipollone (2003), que nos traz ainda que a educação sentimental, nos contextos educacionais da infância é produzida por um *currículo* oculto e inconsciente, ignorado pela Pedagogia. Em todo comportamento, a inteligência e a afetividade estão em constante interação e a afetividade fornece energia às operações do pensamento. Nessa perspectiva, Cipollone (2003) propõe um projeto educativo que rompa com a dicotomia cognitivo-afetivo e com a hierarquia de valores a ela vinculada, que se volte para a educação sentimental e cognitiva de todas as crianças, meninas e meninos, entrelaçando

cognitivo com o emocional para aceitar a diferença sexual, a partir de uma “Pedagogia das Afetividades”, voltada para sentimentos e emoções.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As falas das crianças nos ajudam a problematizar os padrões normalizadores sociais que engessam os relacionamentos entre crianças e adultos; a problematizar as dicotomias dos sentimentos e emoções, contribuindo para a desconstrução de estereótipos de gênero, bem como, a problematizar as desigualdades e violências de gênero presentes no processo educativo das crianças pequenas; elas apontam possibilidades de novas formas de pensamento e de relacionamentos em sociedade. A opinião das crianças também contribui para o desenvolvimento de projetos de ação social, voltados não apenas para a infância, mas para a sociedade, fortalecendo práticas que busquem o respeito às diferenças e a igualdade de gênero e de direitos, na busca pela justiça social (FERNANDES e FINCO, 2022). Podemos dizer portanto, que as crianças são potentes vetores, condutoras intermediárias e transmissoras das discussões e diálogos de gênero. É a partir delas que os/as adultos/as, familiares e professoras/es, que nem sempre conversam entre si, podem iniciar um debate, considerando que as crianças relatam e compartilham suas experiências de gênero.

Estamos sob a égide de uma sociedade estruturada em bases patriarcais, sexistas e machistas, romper com tais posturas e proposições, significa colocar-se em estado de alerta, abrir espaços coletivos e caminhos com provocações para falar sobre as questões de gênero, tão silenciadas (BONFANTI e GOMES, 2018). É preciso fortalecer a discussão de gênero junto às instituições de Educação Infantil, permitindo o exercício de questionar e duvidar de valores que nos parecem tão familiares, presentes no cotidiano educativo das crianças, contribuindo para que os sentidos sejam apurados, e que se perceba o quão sutis, cruéis e naturalizadas são as mensagens direcionadas às meninas e aos meninos, alertando para as diferentes formas de discriminações presentes na vida das crianças.

REFERÊNCIAS

BONFANTI, Ana Leticia; GOMES, Aguinaldo Rodrigues. A quem protegemos quando não falamos de gênero na escola? *Periódicus*, v. 1, n. 9, p. 105-121, mai-out, 2018.

CIPOLLONE, Laura. Diferença sexual, dimensão Interpessoal e afetividade nos contextos educacionais para a infância. *Revista Pró-Posições*, set/dez 2003. V.14, n.3.

FERNANDES, Noeli Aparecida. *Um estudo sobre as relações de gênero na Educação Infantil: o que as famílias têm a ver com isso?* Dissertação (Mestrado em Educação). PPGE/ Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Unifesp. Guarulhos. 2021.

FERNANDES, Noeli. A. e FINCO, Daniela. Diálogos Necessários de Gênero: olhares e culturas que se entrecruzam na Educação Infantil. *Interacções*, Portugal 18(61), 233–257, 2022.

FERREIRA, Manuela e TOMÁS, Catarina. Fazendo Género Heteronormativo no Jardim de Infância. *Interacções*, Portugal 18(61), 233–257, 2022.

FINCO, Daniela. *Educação Infantil, espaços de confronto e convívio com as diferenças: análise das interações entre professoras e meninas e meninos que transgridem as fronteiras de gênero.* Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

OLTEN, Manuela. *Meninos de Verdade*. Campinas: São Paulo. Editora Saber e Ler, 2013.

SÃO PAULO. *Indicadores de Qualidade da Educação Infantil Paulistana*. São Paulo: SME/DOT, 2016.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, vol.20, nº2, pp.71-99, jul-dez. 1995.

SOARES, Natália Fernandes. Os Direitos das Crianças nas Encruzilhadas da Proteção e da Participação. In *Revista Zero a Seis*, Florianópolis, v. 7, n. 12, 2005.

TREVISAN, Gabriela de Pina. *Amigos(as) e Namorados(as): relacionamentos entre pares.* Comunicação apresentada resultado do trabalho de investigação desenvolvido no âmbito do Mestrado em Sociologia da Infância, Universidade do Minho, Instituto de Estudos da Criança. 2006.

TREVISAN, Gabriela de Pina. Amor e Afectos entre Crianças A Construção Social de Sentimentos na Interação de Pares. In: *Produzindo Pedagogias Interculturais na Infância*. DORNELLES. Leni Vieira (org.). Petrópolis. RJ: Vozes, 2007.